

OS TRAJE DE MACUMBA ANTROPÓFAGA DO TEATRO OFICINA

Viana, Fausto; Livre -docente; ECA USP, faustoviana@usp.br<sup>1</sup>

RESUMO

A nudez não é exatamente uma novidade para os que são frequentadores habitués do Teatro Oficina, grupo teatral fundado e dirigido por José Celso Martinez Corrêa em 1958, o que o torna um dos grupos teatrais mais antigos em atividade no país. Tampouco o sêmen é elemento orgânico raramente apresentado em cena; a devoração de órgãos (simbólica, cênica) e a deglutição cultural, antropofágica, não ficam distantes da cena. *Macumba antropófaga*, o espetáculo cujos trajes motivam esta apresentação no Colóquio de Moda, apresenta um coro antropófago que “vai em direção ao primitivo, num retorno ao pensamento em estado selvagem com percepção da cosmopolítica indígena, que hoje nos revela a urgência em cessar a predação e o trauma social do capitalismo, do patriarcado e do antropoceno que atravessam continentes e séculos carregando a mitologia do Progresso a qualquer custo”(Site do Teatro Oficina). Nosso desejo de investigação sobre os trajes indígenas apresentados no trabalho atravessa declarações de José Celso como esta, quando questionado sobre porque usa nudez em cena: “ Eu acho que é o figurino mais bonito que existe, é muito difícil atuar nu. ‘Ah, você quer tirar a roupa?’ Isso não quer dizer nada. É outra coisa. O culto ao corpo. O corpo que tem que estar preparado pra ficar nu” (Revista Trip) e “Quero que o teatro no Brasil continue. Porque ele tem um sêmen muito forte, antes do (Padre José de) Anchieta, os índios faziam muito teatro. Todos os povos primitivos faziam exatamente o que foi na Grécia” (Agenda Tarsila). Nossa proposta, direcionada à montagem de 2017 (houve uma anterior em 2011) traz o Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade como base da proposta de José Celso e do grupo. “Minha carreira é dividida entre o antes e o depois de conhecer a obra de Oswald de Andrade”, disse

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Artes Cênicas da ECA USP. É autor, entre outros, dos seguintes livros: *Para documentar a história da moda: de James Laver às blogueiras fashion*; *O Traje de cena como documento*; *Dos cadernos de Sophia Jobim. Desenhos de história da moda e de indumentária* e *O figurino teatral e as renovações do século XX*.



[ola@arandesite.com.br](mailto:ola@arandesite.com.br)

em entrevista o diretor ao site Agenda Tarsila. O Exu Senhor das Artes Cênicas, título que recebeu de Mãe Estela da Bahia quando esta viu *Os Sertões* (Nota: espetáculo do grupo) e percebeu a importância que a cultura africana e indígena tinham no trabalho da companhia, tem propostas muito claras sobre a criação de trajes, muito distantes das opiniões que dizem que tudo no Oficina funciona na base do deslumbramento e da improvisação descontrolada. A proposta está embasada em bibliografia criteriosamente selecionada sobre o assunto - SILVA, 1981; PESTANA, 2012 e 2017; MARTINS, 2019 - e nas entrevistas com dois figurinistas do Oficina: Olintho Malaquias e a figurinista do espetáculo, Sonia Ushiyama.

**Palavras-chave:** Teatro Oficina; trajes de cena; antropofagia.